

---

# INFÂNCIA, ESCOLA E MÍDIA: A(S) CULTURA(S) INFANTIL (IS) EM DISCUSSÃO<sup>1</sup>

*Milene dos Santos Figueiredo\**  
*Elisete Medianeira Tomazetti\*\**

## RESUMO

Este artigo, resultante da dissertação de mestrado intitulada "Professor... as crianças já ligaram a TV... e você?", vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS, apresenta algumas idéias e problematizações acerca da relação mídia e infância. Entre estas idéias, a compreensão do conceito de infância, a partir de dois autores: Neil Postman (ano) e a obra "O desaparecimento da infância" e Leni Vieira Dornelles (ano) com "Infâncias que nos escapam: das crianças de rua às crianças *cyber*". Esses trabalhos nos permitiram refletir sobre os principais elementos que influenciam a infância contemporânea, ressaltando, sobretudo, a mídia televisiva. A hipótese do provável desaparecimento da infância moderna e os indicativos da formação de novas culturas infantis são aqui desenvolvidos. Na última parte do texto apresentamos fotografias, desenhos e registros de falas das crianças de duas classes de educação pré-escolar da cidade de Santa Maria/RS, uma de caráter privado e outra de caráter público, que participaram como sujeitos da pesquisa. Esses registros apontam algumas das novas formas de subjetivação e identificação das crianças contemporâneas, que permeiam suas vidas e seus imaginários, apontando assim a necessidade de (re)pensarmos as práticas educativas dirigidas às crianças.

**Palavras-chave:** infância, escola, mídia.

Através da reflexão dessas obras, estaremos apresentando alguns dados detectados durante observações realizadas em duas turmas de educação pré-escolar da cidade de Santa Maria/RS, turmas estas pertencentes a uma escola de caráter privado e outra de caráter público de ensino. Essas observações foram realizadas durante o ano letivo de 2006, e tiveram como objetivos identificar de que forma as crianças pertencentes às turmas de pré-escola observadas apresentavam, através da suas falas, brinquedos, brincadeiras, vestuário, material escolar, influência dos programas televisivos.

No primeiro momento estaremos apresentando os principais autores que embasaram nossas reflexões sobre a infância. Posteriormente, buscaremos, através das análises realizadas nas duas classes de educação pré-escolar visualizar algumas evidências da influência da televisão na vida das duas realidades infantis observadas.

## ENTRE A INFÂNCIA MODERNA E AS INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS

A história da infância em nossa civilização é marcada por inúmeras contradições. São diversas as teorias que buscam explicar de que forma a infância passou a ser "vista" com olhos diferentes dos que eram direcionados aos adultos. Atualmente, são várias as teorias que procuram problematizar os caminhos pela qual a infância ou as infâncias vêm tomando, levando-se em conside-

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no "IV Seminário Internacional As Redes de conhecimentos e a tecnologia: práticas educativas, cotidiano e cultura", realizado na UERJ de 11 a 14 de junho de 2007.

\*Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora substituta da Universidade Federal de Santa Maria. (mmilenefigueiredo@gmail.com).

\*\*Doutorado em educação pela Universidade de São Paulo em 2000. Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Maria. (elisetem@via-rs.net).

---

ração os diferentes processos de transformação econômica, científica, cultural e tecnológica da sociedade capitalista.

Algumas destas contradições podem ser percebidas quando confrontamos, por exemplo, algumas teorias sobre o nascimento do sentimento de infância na sociedade. No entanto, as maiores contradições poderão ser verificadas quando buscamos entender um pouco mais sobre a constituição dos sujeitos infantis na atualidade. Quem é, ou quem são as crianças de hoje? Podemos compará-las às crianças preconizadas no início da modernidade, ou seja, a um modelo de criança ideal, romântica, angelical ou vivemos no tempo da(s) criança(s), das suas diferentes expressões culturais que nos surpreendem a cada dia, em diversas situações de abandono, fome, violência, consumismo, trabalho?

Neil Postman, através da obra “O desaparecimento da infância” (1999), busca realizar, além do resgate histórico sobre a história do descobrimento da infância, uma análise bastante crítica e pessimista sobre a situação da infância contemporânea, destinando à televisão a grande responsabilidade pela idéia de “desaparecimento” da idéia de infância preconizada pelos ideais modernos.

Para o autor, a idéia de infância, inexistente até meados do século XV, só é descoberta através da invenção da prensa tipográfica. Anterior a esse período, o que tínhamos era um total desconhecimento sobre as peculiaridades e características próprias dessa faixa-etária. Na Idade Média, por exemplo, a criança não era, em nenhum momento, preservada do mundo adulto, ou melhor, não havia nesse período um mundo específico de crianças e adultos. Dessa forma, Postman (1999) esclarece que um dos principais indícios da inexistência de um período denominado infância na Idade Média é o fato de que não havia nenhuma noção de vergonha nessa sociedade:

Poderíamos dizer que uma das principais diferenças entre um adulto e uma criança é que o adulto conhece certas facetas da vida – seus mistérios, suas contradições, sua violência, suas tragédias – cujo conhecimento não é considerado apropriado para as crianças e cuja revelação indiscriminada é considerada vergonhosa. No mundo moderno, enquanto as crianças se encaminham para a idade adulta, revelamos-lhes esses segredos de maneira que acreditamos ser psicologicamente assimilável. Mas tal idéia é possível somente numa cultura em que há uma diferença marcante entre o mundo adulto e o mundo infantil, e onde há instituições que expressam esta diferença. O mundo medieval não faz tal distinção e não tinha tais instituições. (id., p. 29).

A inexistência de uma noção de vergonha, bastante enfatizada pelo autor, aliada ao número extremamente elevado de crianças sem acesso ao processo de escolarização, sem noções de leitura e escrita e a predominância de uma cultura basicamente oral determinam a vida em conjunto de adultos e crianças.

Para Postman (id.), a infância só foi descoberta no momento em que, no século XV, Gutenberg inventa a prensa tipográfica. Esse fato, em princípio sem conexão alguma, identifica na história o exato momento em que milhares de manuscritos passaram a ser impressos em forma de livros, e com isso houve uma grande distinção na sociedade: os que sabiam ler e aqueles que não dominavam o código alfabético. “Ser um adulto em pleno funcionamento exigia que o indivíduo fosse além do costume e da memória e penetrasse em mundos não conhecidos nem contemplados antes” (p. 43).

Basicamente, o que Gutenberg havia acabado de criar era uma das linhas divisórias entre o mundo adulto e o mundo infantil, pois só poderia se chegar ao mundo adulto através da conquista da leitura e da escrita. Com isso as escolas foram reinventadas na sociedade européia. Nos séculos

---

XVI e XVII a criança conquistou o seu reconhecimento enquanto sujeito com características e necessidades diferentes dos adultos. Juntamente a essa nova configuração do mundo de adultos e do mundo das crianças, a família moderna também se reestruturou, proporcionando às crianças maiores possibilidades educativas, tanto nas instituições escolares quanto nas próprias residências. Todo esse processo de descobrimento da infância deve ainda ser atribuído a um outro fator: o surgimento de uma nova classe social na Inglaterra, uma classe média, com dinheiro disponível para investir nas crianças. “A infância começou indiscutivelmente como uma idéia de classe média, em parte porque a classe média podia sustentá-la. Outro século se passaria antes que a idéia se infiltrasse nas classes mais baixas”. (id., p. 59).

A noção de vergonha então, inexistente na sociedade medieval passa a ser lentamente retomada (processo esse que teve seu início com as sociedades gregas e romanas, mas que desaparece na sociedade medieval) com a ocultação de certos segredos restritos ao mundo adulto. Assuntos como sexo, violência, morte, doenças passaram a ser distanciados das crianças.

Mas, se para Postman, o grande pai da infância foi Gutenberg por haver descoberto a prensa tipográfica e automaticamente ter traçado uma linha divisória entre a idade adulta e a infantil, o grande “vilão” do seu processo de desaparecimento foi Samuel Finley Breese Morse, por haver inventado a primeira forma elétrica de envio de uma mensagem. Morse, na verdade, inicia um processo que hoje podemos identificar como o uso indiscriminado da notícia, ou a indústria surgida em torno da divulgação de informações, agora não mais utilizada como fonte de informações, mas sim como um grande comércio rentável e lucrativo, que se utiliza dos espaços anteriormente privados para a grande divulgação em público.

Postman esclarece-nos de que forma a invenção do telégrafo acaba influenciando o novo processo vivenciado pela infância, ou seja, o seu desaparecimento:

A infância, como tentei mostrar, foi o fruto de um ambiente em que uma forma especial de informação, exclusivamente controlada por adultos, tornou-se pouco a pouco disponível para as crianças por meios considerados psicologicamente assimiláveis. A subsistência da infância dependia dos princípios da informação controlada e da aprendizagem seqüencial. Mas o telégrafo iniciou o processo de extorquir do lar e da escola o controle da informação. Alterou o tipo de informação a que as crianças podiam ter acesso, sua qualidade e quantidade, sua seqüência, e as circunstâncias em que seria vivenciada”. (id., p. 86)

Entretanto, não podemos atribuir somente ao telégrafo essa acusação. A partir de sua invenção, uma série de novas formas de comunicação foram descobertas, como por exemplo, a máquina fotográfica, o telefone, o rádio, o cinema e a televisão.

É sobre a televisão que Postman debruça suas acusações. A televisão, a partir da década de 50, iniciou uma revolução na forma como a informação passou a ser divulgada mundialmente. A imagem sobrepõe-se então ao discurso e invade os espaços habitados tanto por crianças quanto por jovens, adultos e idosos. Torna-se o meio de comunicação com maior difusão mundial e, de certa forma, monopoliza o acesso à informação, não por ser o único veículo difusor de notícias, mas por ser o de maior acesso. Segundo o autor, a televisão cria esse monopólio por não requisitar dos seus telespectadores nenhuma habilidade cognitiva mais avançada: “as pessoas vêem televisão. Não a lêem. Não a escutam muito. Vêem. Isso acontece com adultos e crianças, intelectuais e trabalhadores, tolos e sábios”. (id., p. 92).

---

O grande questionamento, para Postman, pode ser encontrado na relação entre a criança e a televisão, pois essa se constitui como um veículo de comunicação e entretenimento que não distingue entre adultos e crianças. Não há formas de ocorrer essa separação. Não existem restrições para se assistir televisão, todos conseguem entender as suas imagens, pois ela não exige nenhuma forma de racionalidade elaborada para ser compreendida. Apenas exige as nossas emoções, para que possamos seguir sua lógica e nos mantermos de acordo com suas premissas, que na maioria das situações é ditada pela lógica do consumo.

No entanto, o ponto nevrálgico, para ele, da grande difusão da televisão na sociedade contemporânea é a sua capacidade de destituir a linha divisória entre idade adulta e a infância. A televisão, por não possuir restrições – e quando as simboliza faz no sentido de provocar maiores olhares – acaba escancarando todos os segredos do mundo adulto, que desde o século XVI foram preservados das crianças. Cenas de violência, de sexo, mentira, traição, corrupção, pedofilia, homossexualismo, enfim, questões do mundo adulto e privado estão, a partir da televisão, presentes no cotidiano de crianças e adolescentes do mundo inteiro. Não existem mais segredos a serem revelados: as crianças já os conhecem e passam a discuti-los entre si e com adultos. A noção de vergonha, antes um marco para a distinção entre adultos e crianças agora se destitui, e passamos a viver com crianças extremamente informadas e conhecedoras de todas as situações existentes na sociedade.

Nesse sentido é que Postman acredita ser a televisão a grande responsável pelo desaparecimento da infância. Através da televisão, a criança percebe e aprende os acontecimentos do mundo, sem muitas vezes à mediação de um adulto responsável ou por uma leitura crítica dessas mídias pelo professor. Entretanto, entendemos a necessidade de travarmos, nesse momento, alguns contrapontos, necessários a um entendimento mais complexo em relação a constituição da infância na sociedade contemporânea. O seu trabalho, bastante enfático em suas afirmações sobre o provável desaparecimento das idéias de infância acaba limitando teoricamente as discussões necessárias para podermos compreender as atuais condições da infância. Entendemos que, ao delimitarmos uma provável “morte” da infância, estamos, de certo modo, omitindo-nos de problematizarmos situações que “escapam” das suas considerações. Com isso, para estabelecermos esse contraponto, optamos pela utilização de um trabalho bastante pertinente às questões contemporâneas da infância: a obra de Leni Vieira Dornelles “Infâncias que nos escapam: da criança de rua à criança cyber” (2005). A autora, que procura apontar de que forma a modernidade construiu mecanismos de subjetivação para o “governo” dos infantis, dedica-se ainda a compreender de que forma podemos compreender as infâncias que vêm a “escapar” desse modelo de infância idealizado pela modernidade, ou seja, compreender as diferentes culturas infantis, ou, como a autora mesmo distingue, as infâncias ninjas referindo-se aquelas infâncias a margem das tecnologias, da família, do lar, que se encontram em situação de abandono ou ainda as infâncias cybers, infâncias essas compostas por crianças altamente globalizadas, com acesso a maioria das tecnologias de informação, conhecimento e entretenimento, e que assustam a maioria dos pais e educadores por, em muitos momentos, não conseguir mais controlá-las.

A modernidade, a partir de uma série de discursos (médico-higienistas, pedagógicos, escolares, familiares, científicos) criou tecnologias de controle para que fosse possível a vigilância desses sujeitos, tornando-os mais fáceis de treinamento e disciplinamento. É sobre esse ponto que Dornelles (2005), se debruça na primeira parte da obra “Infâncias que nos escapam”. Busca apresentar de que forma a modernidade acaba criando um modelo de infância. Segundo Bujes (2001), o modelo de infância moderno pode ser entendido como resultado dessa série de produção de discursos,

---

que denotam ainda as relações de poder entre adultos e crianças. Esses discursos, esses significados atribuídos à infância resultam, para Bujes (id., p. 26),

o resultado de um processo de construção social, dependem de um conjunto de possibilidades que se conjugam em determinado momento da história, são organizados socialmente e sustentados por discursos nem sempre homogêneos e em perene transformação. Tais significados não resultam, como querem alguns, de um processo de evolução, nem estão acima e à parte das divisões sociais, sexuais, raciais, étnicas,... São modelados no interior de relações de poder e representam interesses manifestos da Igreja, do Estado, da Sociedade Civil... Implicam em intervenções da filantropia, da religião, da Medicina, da Psicologia, do Serviço Social, das famílias, da Pedagogia, da mídia... Contudo, esses significados não são estáveis nem únicos e as linguagens que usamos, ao mudar constantemente, são indicativas da fluidez e da mutabilidade a que estão sujeitos.

Em meio às análises desses vários discursos produzidos pela modernidade visando o governamento dos sujeitos infantis, criando diversas tecnologias de controle e vigilância dos infantis, principalmente nos espaços das instituições escolares (a rotinização dos tempos e espaços das crianças da Educação Infantil, por exemplo), é que constituem, para Dornelles (2005) o discurso moderno de infância.

Entretanto, o que podemos perceber atualmente é que as nossas crianças, de formas muito diversas acabam por não mais se enquadrar dentro desses modelos, tanto nas escolas quanto em suas casas, nas suas brincadeiras, nas suas formas de se vestir, de falar, de consumir, de existir. É nesse ponto que Postman acredita que a infância está desaparecendo, morrendo, pois não se enquadra mais dentro dos parâmetros modernos institucionalizados para ela.

Porém, como devemos pensar essas crianças que tanto nos surpreendem, que nos intrigam, que nos deixam em muitos momentos sem mais respostas antes previstas nos livros das mais diversas áreas dos saberes humanos? Deixaram elas de serem crianças? Ou são apenas outras, diversas, diferentes crianças vivendo em um tempo ainda sob a ótica de uma racionalidade universal?

São essas inquietações que levam Dornelles (2005, p. 71-72), a discutir qual a situação das crianças atualmente:

Acredito que ainda se vive sob o efeito da produção da infância moderna, contudo, não é mais possível se tratar de uma só infância como a preconizada pela modernidade. É preciso que pelo menos se leve em consideração que existem muitas outras infâncias. Existem infâncias mais pobres e mais ricas, infâncias do Terceiro Mundo e dos países mais ricos, infâncias da tecnologia e dos buracos e esgotos, infâncias superprotegidas, abandonadas, socorridas, atendidas, desamadas, amadas, armadas, etc. Contudo, a modernidade ocidental, ao universalizar e naturalizar apenas uma destas infâncias como dependente e necessitando de proteção, passou a deixar de lado a sua diversidade. Em função disso, se acaba esquecendo que as infâncias são múltiplas e inventadas como produtos sociais a históricos. Muitas das crianças que vivem suas infâncias hoje fazem parte de um mundo em que explodem informações.

Essa alteridade da infância, tratada por Dornelles, que nos intrigou e nos motivou a ir além do que Postman havia colocado em sua obra. Para esse autor, parece que toda essa diferença pode ser explicada através de uma palavra: o desaparecimento. Sim, as crianças modelos, aquelas idealizadas, pré-definidas, estão desaparecendo sim, e com isso dá-se lugar para o aparecimento daquelas crianças espontâneas, criativas, questionadoras, exigentes, crianças sem pai, sem mãe, sem nada, crianças abandonadas em sacos plásticos com apenas meses de vida, crianças mortas por pais e

---

mães sem quaisquer condições de serem pais e mães, crianças de e em guerra, crianças-bandidas, crianças-rebeldes<sup>2</sup>, crianças consumidoras, crianças hiperativas. Crianças que desafiam a todo momento pais, professores, autoridades, crianças das *lan-houses*, crianças das favelas, do hip-hop, crianças das gerações Xuxa, É o Tchan, da Tati quebra Barraco, do Latino, e também das músicas ainda infantis, crianças informatizadas e sem informação, enfim, crianças, diversas, diferentes<sup>3</sup>.

Para Dornelles (2005), essa questão pode ser analisada a partir de outro olhar. O olhar do “escape”, da fuga dessas crianças das grandes produções históricas da Modernidade. A autora ainda classifica de duas formas esses escapes dos sujeitos infantis na contemporaneidade: o escape das crianças ninjas e das crianças cyber.

A autora classifica como crianças ninjas<sup>4</sup> todas aquelas crianças que, de alguma forma, escapam da proteção, da vigilância dos adultos. Crianças distanciadas de um mundo tecnológico, de consumo. Crianças em situação de abandono, crianças de rua, dos sinais, das portas de mercados e bancos, crianças índias, como é o caso da cidade de Santa Maria, onde podem ser vistas todos os dias sentadas ou deitadas no chão das calçadas, ainda acompanhadas por suas mães, mas passando ali, na rua, a maior parte dos seus dias de infância. A autora, porém, situa-nos sobre o início dessa situação das crianças ninjas, que se deu ainda na modernidade, através das crianças abandonadas nas rodas dos expostos ou dos hospícios, no século XVIII, denunciando assim as próprias tecnologias de controle produzidas ao longo dos séculos.

De acordo com Rizzo (2005), as crianças ninjas podem ser vistas como

meninos e meninas que estão a peregrinar pela vida, em busca de um lugar que parece não existir para eles no mundo. Eles já eram vistos no final do século 19 como perturbadores da ordem e da paz social nas primeiras metrópoles do mundo. Essas crianças que ainda hoje vemos pelas ruas não se encaixam nesse Brasil ideal. Elas permanecem às margens da sociedade em sua luta cotidiana pela sobrevivência (...) Os meninos e meninas que vemos nessas fotos nascem como quaisquer outras crianças. Cheias de vitalidade e alegria. Cheias de expectativas. Querem ser parte de uma sociedade que lhes confronta nas ruas, na televisão e nos outdoors...Sonham fazer parte de um modelo econômico e social do qual são excluídos (...) Não. Não existem meninos de rua. Mas crianças e adolescentes que são levados às ruas. Seus destinos entregues à própria sorte.

Eis aqui uma situação em que, a condição desses sujeitos torna-se bastante difícil de ser aceita. Difícil nos conformarmos com cenas de crianças em total abandono e nos refletirmos essas situações como “culturais”. Talvez a aceitação das diferentes culturas infantis acabe nos remetendo sim a um ideal de infância, assim como postulou a Modernidade. Porém, que esse ideal possa nos fazer repensar alternativas para a situação dessas crianças. Que possamos, assim como cita Rizzo (2005), “despindo nossos olhos do preconceito, do medo e da incompreensão, vislumbraremos o humano – neles e em nós mesmos”.

---

<sup>2</sup>Utilizamos o termo *crianças-rebeldes* em decorrência da grande influência da novela “*Os Rebeldes*”, que durante o ano de 2006 invadiu a vida de crianças, pré-adolescentes e adolescentes em todo o Brasil, sendo considerado um grande fenômeno na TV.

<sup>3</sup>Para essa caracterização, foram citados alguns exemplos das situações das crianças, tanto situações presenciadas nas duas turmas de pré-escola utilizadas como foco dessa pesquisa como também situações divulgadas em meio de comunicação, filmes (*Crianças Invisíveis - All the Invisible Children*, 2005) e ainda presenciadas durante algumas visitas realizadas pela pesquisadora em classes de Educação Infantil pela cidade de Santa Maria, com vistas a observações das acadêmicas do curso de Pedagogia – Habilitação Educação Pré-Escolar em estágio supervisionado.

<sup>4</sup>Dornelles (2005) utiliza o termo *crianças ninjas* referindo-se aos filmes das *Tartatugas Ninjas*, que viviam em esgotos.

---

Entretanto, existem ainda o que Dornelles (2005) chama de crianças cyber. Trata-se das infâncias globalizadas, “incluídas” nos sistemas tecnológicos, com acessos a diferentes meios de comunicação, entretenimento e informação. Infância, à primeira vista, com “melhores” condições do que as crianças ninjas, mas também digna de algumas reflexões.

Para muitos pais, educadores e estudiosos, essa infância é aquele que também escapa do controle, da vigilância dos adultos. É a infância que não precisa dos adultos para manter-se informada, para ter acesso aos mecanismos tecnológicos. Pelo contrário, é aquela infância que sabe mais que os adultos, que nos ensina sobre as novas invenções tecnológicas.

Essa infância contemporânea, informatizada, reconfigura ainda os seus espaços de atuação para além da escola. Ocupam *lan houses* em busca de jogos, de *chats*, de sites de relacionamentos. Conversam com crianças e também com adultos de várias partes do mundo, recriam os códigos da língua portuguesa construindo nas formas de escrita. Consomem marcas, produtos, roupas, gêneros alimentícios como adultos. Para Dornelles (2005, p. 90),

as crianças pós-modernas são capturadas pelas regulações de poder. Elas aprendem desde cedo que consumir é possuir determinados objetos ou marcadores sociais, adotar certo estilo de vida é “condição” necessária para a “felicidade”, é ter poder. Portanto, consumir é, também, uma forma de poder, um modo ou um estilo de autossubjetivação ou de governo de si.

Assim como os outros modelos de infância apresentados, podemos perceber que as crianças cyber são o resultado de uma produção social e histórica. Nesse caso específico, resultam dos caminhos que a sociedade foi construindo ao longo das décadas, até aqui. E o conjunto dessas diferentes culturas infantis resulta também dos modelos que a própria sociedade capitalista construiu: um mundo para poucos, para aqueles que possuem poder financeiro suficiente para estar dentro de toda uma sistemática de consumo, de simulacros. E outro mundo para aqueles que por quaisquer motivos (incrível que, para alguns, isso pode ser explicado como falta de vontade ou marginalidade) não conseguem se sustentar dentro do primeiro mundo. Assim se apresentam hoje nossas crianças. As primeiras, abandonadas, fora desse contexto capitalista, desses padrões de felicidade, e as segundas altamente inseridas e em contato com as diversas produções tecnológicas, sendo produzidas para uma forma peculiar de constituírem-se enquanto sujeitos.

Com tudo isso, torna-se extremamente complexo tentarmos definir quem são as nossas crianças de hoje. Ainda mais complexo torna-se o pensar sobre o processo educativo desses sujeitos. Não temos mais uma representação homogênea da infância, embora a televisão e demais mídias procurem construir uma espécie de massividade nos hábitos de consumo, de alimentação, de vestuário e de brincadeiras. Então, que educação essa alteridade infantil exige em nossas escolas?

### **AS INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS... A TELEVISÃO NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

Como relatamos inicialmente, esse artigo é resultante de uma parte de uma dissertação de mestrado que tem como objetivo investigar a prática de duas professoras de Educação Infantil da cidade de Santa Maria em relação à influência da televisão no cotidiano de seus alunos.

As metodologias utilizadas nessa pesquisa foram o “estudo coletivo de casos”, investigando particularmente o caso das duas professoras observadas e, ainda, a “Análise de conteúdos”, com o objetivo de analisarmos e interpretarmos o corpus de dados constituído ao longo da pesquisa.

Com isso, ao longo de doze observações em cada uma das duas classes de educação pré-escolar, aliadas aos dados captados e transcritos em dois diários de campo da observadora contribuíram para as conclusões obtidas em relação às concepções teóricas e às práticas pedagógicas das professoras analisadas. Porém, ao longo do nosso período de inserção nas duas situações escolares, identificamos a necessidade de registrarmos também, através de fotografias e desenhos construídos pelas próprias crianças, algumas situações extremamente pertinentes à pesquisa. E serão esses dados que apresentaremos nesse momento, dividindo-os anteriormente em situações presenciadas na **escola 1**, representada pela escola **particular** e pela **escola 2**, representadas pela **escola pública**. Tratam-se de crianças pertencentes a mesma faixa etária (5 e 6 anos), variando entretanto em relação às situações sócio-econômicas e em relação ao acesso aos meios de comunicação.

As crianças da **escola 1** podem ser consideradas como pertencentes à classe média-alta, possuem acesso a vários instrumentos de comunicação e entretenimento (internet, TV a cabo, DVD) e a escola que freqüentam está localizada na região central da cidade de Santa Maria. Já as crianças da **escola 2** pertencem a uma diversa da primeira: pertencem à classe média-baixa, não possuem acesso a TV a cabo e à internet e habitam em uma região periférica da cidade, localizada em média a doze quilômetros do centro da cidade, no mesmo bairro da escola.

Foi dessa forma que descobrimos a grande influência de algumas marcas, como por exemplo, os Hot Wheels, carrinhos em miniatura a venda nas lojas de brinquedos e também em alguns supermercados da cidade. No entanto, não evidenciamos as crianças brincando com os carrinhos, em nenhum momento das observações. Essa influência pode ser sentida através de alguns artefatos, como por exemplo, tênis, sandálias, lápis, borracha e mochila, esta que pode ser visualizada na foto ao lado.



Figura 1:  
Mochila dos Hot Wheels, escola1.

Na observação realizada no dia 26 de abril de 2006 na **escola 1**, a pesquisadora registrou a seguinte situação observada com as crianças:

*Durante essa atividade, sentei com dois meninos e uma menina para ouvir suas conversas. Os dois meninos apresentavam bastante dificuldades em se concentrar, pois passaram boa parte do tempo “exibindo” um para o outro os lápis que tinham da coleção Hot Wheels: um tinha três, o outro dois...mas o primeiro ainda tinha uma borracha!*

Diário de campo, escola 1, 26/04/06

Talvez, os relatos que mais evidenciam uma relação de influência entre as crianças da **escola 1** e a televisão (nesse caso, os desenhos), seja em relação ao desenho (exibido na forma de filme) dos Power Rangers. Essa “série”, veiculada no canal Globo durante o programa TV Xuxa e ainda no canal JETIX, pertencente à programação fechada da TV a cabo, conta a história de cinco jovens (cada um representado por uma cor), que possuem super-poderes e que receberam a missão de defender o planeta dos vilões que buscam destruí-lo. Em relação aos Power Rangers, não possuímos nenhuma foto de artefatos das crianças da **escola 1**. No entanto, são muitos os registros de situações de diálogos presenciadas durante as aulas:

*A professora iniciou a aula questionando os alunos se eles sabiam o que era uma lenda. Alguns disseram que era uma história. Então, a professora perguntou se todas as histórias eram verdadeiras, e as crianças ficaram um pouco confusas. A professora Simone esclareceu que lendas eram histórias que as pessoas contavam desde muitos anos atrás e que não sabíamos se eram reais ou fictícias. Um aluno disse na rodinha que um determinado personagem (personagem esse com um nome bastante complexo e em inglês) era uma lenda, pois ele era um Power Ranger.*

Diário de campo, escola 1, 12/04/06

*Após esse trabalho, a professora Simone comentou com as crianças que a prof. do Nível A havia lhes convidado para ir até a sua sala para conversarem com uma pessoa diferente. Mas diferente como? Diferente porque todos nós somos diferentes e aprendemos coisas diferentes. Ela começou então a perguntar se quem não tinha um braço não aprendia igual aos outros, se quem usava óculos não aprendia igual aos outros. Foi quando o Igor falou:*

*– “A minha vó não sabe falar Power Ranger, mas eu sei”.*

Diário de campo, escola 1, 31/05/06

Não somente na **escola 1** a influência da série Power Rangers existia. Também na **escola 2** conseguimos identificar, em menor número, a presença dos personagens:

*Outros meninos estavam desenhando no quadro um boneco muito elaborado e colorido. Pedi que a prof. Rosa perguntasse a eles que desenho era aquele, e eles responderam que era um Power Rangers.*

*Enquanto isso outro menino estava no quadro desenhando novamente um Power Rangers. Cheguei ao seu lado e perguntei o que ele estava desenhando, ele afirmou que era um Power Rangers e pediu para que eu observasse bem os detalhes dos braços do seu desenho. Perguntei a ele se, um dia eu trouxesse uma máquina fotográfica ele desenharia um boneco para que eu tirasse foto. Ele aceitou. Sentei-me e ele se dirigiu a mim, pedindo para que eu observasse outro detalhe no desenho dele.*

Diário de campo, escola 2, 30/08/06

Posterior a essa data, em uma tarde onde apenas dois alunos haviam comparecido na **escola 2**, solicitei ao mesmo menino do relato para que desenhasse um personagem da série Power Rangers. Ele então aceitou o meu pedido e prontamente iniciou o seu desenho, podendo ser visualizado ao lado.

Outro personagem que também esteve bastante presente em alguns artefatos e nas falas das crianças (principalmente nas meninas) é a boneca Hello Kitty. Tanto na **escola 1** quanto na **escola 2**, a presença da boneca pôde ser detectada por algumas mochilas registradas na página seguinte.



Figura 2: Desenho do personagem da série “Power Rangers”, escola 2



Figura 3: Mochilas da personagem Hello Kitty, escola 1

Ainda, na **escola 2**, algumas mochilas e também sandálias da mesma personagem foram registradas:



Figura 4: Mochilas e sandálias da Hello Kitty, escola 2

A fala de uma menina da **escola 1**, enquanto realizavam um trabalho nas suas mesas junto com dois meninos que disputavam quem tinha mais produtos Hot Wheels, demonstra que ela, por não possuir nenhum artefato dos carrinhos não estava excluída do grupo:

*Enquanto isso a menina fazia o seu desenho atenta a conversa dos colegas, até o momento que ela fala:*

*– É a Hello Kitty que esta na moda.*

*– Então, surpresa, perguntei para ela o que ela achava que era estar na moda, ela ficou envergonhada. Insisti na pergunta e ela me falou:*

*– Ah, é assim, a Hello Kitty...*

Diário de campo, escola 1, 26/04/06

Durante as observações realizadas na **escola 2**, desde o primeiro dia, percebemos a influência de uma novela veiculada pelo Sistema Brasileiro de Televisão – SBT denominada “Rebelde”. Essa novela, de origem mexicana, veiculada no horário das 19 horas (durante a sua exibição ela sofreu algumas mudanças de horário), conta a história de seis personagens jovens que estudam em uma escola denominada “Elite Way School”, colégio para adolescentes de classe alta e que promove bolsas de estudo para jovens de baixos recursos financeiros. No entanto, os jovens de classe mais baixa são perseguidos por uma sociedade secreta denominada “La logia”, que tenta perpetuar a pureza da classe privilegiada. A novela, que mistura o real ao fictício (os seis personagens principais – três homens e três mulheres formam uma banda também na realidade), trata-se de, segundo o site do Sistema Brasileiro de Televisão, “uma história de **adolescentes** que abrem os olhos para a realidade do mundo em um ambiente elitista, onde o poder e os bens materiais são supervalorizados”.

A ênfase no termo adolescentes é proposital, pois os assuntos tratados no enredo da novela são próprios dessa faixa etária. Mas, para as crianças da **escola 2**, essa afirmação não é verdadeira. A novela, considerada pela mídia um fenômeno, exerce um fascínio absoluto sobre as crianças, de várias faixas etárias. E, como veremos a seguir, também envolveu as crianças da **escola 2**.



Figura 5: Carteira de Identidade de fã dos Rebeldes, escola 2



Figura 6: Canetas e celular dos Rebeldes, escola 2



Figura 7: Figurinhas dos Rebeldes, escola 2

As crianças da **escola 2** apresentavam, durante todo o andamento das aulas, uma enorme influência pela novela *Rebeldes*. Escolhiam seus personagens preferidos, determinavam com quais personagens masculinos gostariam de namorar, cantavam as músicas (em espanhol), brigavam por quem possuía mais pôsteres dos personagens. São muitas as falas das crianças que ilustram esses momentos:

*A professora se ausentou por alguns minutos da sala e as meninas começaram a cantar uma música em espanhol. A aluna Daiane prontamente busca em seu bolso o seu celular com a foto dos personagens da novela *Rebeldes* e todas as meninas da mesa se encaminham ao seu redor buscando identificar na fotografia os personagens que elas “são”. A Daiane demonstrou tanto entusiasmo que em vários momentos beijou a fotografia e repetia para as colegas*

*– Eu sou essa aqui e esse é o meu namorado.*

*Em outro momento, ainda durante a realização das atividades, a Daiane fala para a colega Fabiane:*

*Eu vi no comercial a saia, o CD, a roupa das *Rebeldes* e pedi tudo para a minha mãe, ela vai me dar.*

*Ainda ela diz:*

*– Eu tenho o DVD das *Rebeldes*, tem uma parte que elas dançam bem assim ó...*

*E no mesmo momento toma o celular como microfone e repete os gestos da dança da sua personagem preferida.*

(Diário de campo, escola 2, 19/08/06)

---

*Ao irmos para o recreio, duas alunas começaram a tirar, de suas mochilas, canetas, adesivos e até carteira de identidade de fã dos Rebeldes. Perguntei para outra criança que estava ao meu lado e que também começou a dizer que tinha todas aquelas coisas dos Rebeldes o porquê ela gostava tanto desse grupo. A resposta dela foi a seguinte:*

- Eu fui no show deles e ganhei uma carta da “Mia” dizendo que ela gostava muito de mim.*
- Perguntei então onde foi esse show que ela foi e ela me respondeu pensativa:*
- Foi lá longe”*

(Diário de campo, escola 2, 20/10/06)

Uma curiosidade encontrada a partir da novela Rebeldes é a de que, na **escola 1**, em nenhum momento as crianças comentaram ou apresentaram algum artefato referente aos personagens da novela. E essa dúvida foi esclarecida quando, ao realizar a entrevista com a professora da **escola 1**, ela me confirmou que na sua turma as crianças nunca haviam apresentado nenhuma situação que envolvesse essa novela. Ela ainda esclareceu que só passou a saber da existência dos Rebeldes porque os professores das turmas de terceira série da escola estavam comentando sobre a influência que os personagens estavam exercendo nos seus alunos.

Passamos a nos questionar, nesse momento, sobre os motivos que levam uma novela a influenciar determinada “cultura” infantil (e nesse caso uma cultura de periferia) e não atingir uma outra cultura, dentro da mesma cidade. Um dos fatores pode ser o da acessibilidade das crianças da **escola 1** a outros canais de televisão, específicos para a faixa etária infantil, devido a grande maioria de essas crianças possuírem a rede de canais pagos da cidade. Outro fator pode ser o da condução dos pais de ambas as diferentes crianças no momento em que a novela “Rebelde” esta sendo veiculada.

Percebemos, após essa amostragem de alguns dos produtos consumidos pelas crianças e de suas falas em relação à obtenção desses artefatos que as crianças, tanto da **escola 1** quanto da **escola 2** estão submersas nesse modelo de sociedade que privilegia o consumo. As crianças, por mais reprimidas que sejam nos espaços escolares, não deixam de demonstrar que também fazem parte dessa sociedade, que também consomem (por mais que os produtos consumidos não sejam os originais), que também sabem cantar as músicas de seus personagens preferidos, que também possuem a bolsinha, a mochila, o lápis, a canetinha, a borracha, a sandália, a caneta, o celular, o carrinho, as figurinhas dos super-heróis, das bonecas, dos carrinhos, dos grupos que estão “na moda” em determinado momento.

As crianças observadas nessa pesquisa, mostraram-se consumidores em grande potencial, e com isso, como nos afirma Dornelles (2005, p. 94), “não se consome apenas o objeto em si, mas tudo aquilo que ele possa representar para meninos e meninas, status, conforto, desejos e beleza, saber, poder” (...). E são esses modelos, essas representações que identificamos em ambas as salas de aula, ou seja, modelos de liderança, de poder, de exclusão advindos de toda a lógica de consumo infantil. Por mais que se trate de crianças de diferentes classes sociais, os desejos produzidos por esses produtos midiáticos nas crianças são os mesmos: são os desejos de possuir e pertencer, a todo o momento, o maior número possível de artefatos e assim, sentir-se inclusos nessa lógica. São esses os sujeitos infantis que permeiam os espaços educativos analisados, que trazem consigo características facilmente observáveis em relação à influência exercida pelos meios de comunicação e entretenimento.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BUJES.M.I. *Infância e maquinarias*. Porto Alegre: UFRGS/ Faculdade de Educação/ Programa de Pós-graduação, 2001 [Tese de Doutorado]
- CRIANÇAS invisíveis. ALL the invisible children. Direção de Mehdi Charef, Kátia Lund, John Woo, Emir Kusturica, Spike Lee, Jordan Scott, Ridley Scott e Stefano Veneruso. Itália, 2005. (116 min), son., color.,
- DORNELLES, L.V. *Infâncias que nos escapam: da criança de rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- RIZZO, I. *Existem meninos de rua?* Disponível em: <[http://www.redeamigadacrianca.org.br/artigo\\_meninosrua.htm](http://www.redeamigadacrianca.org.br/artigo_meninosrua.htm)> Acesso em : 05 de janeiro de 2007.
- STAKE, R. E. *Investigación com estudio de casos*. Madri: Ediciones Morata, 1999.

### **ABSTRACT**

*This article, resulting from the master's dissertation on education at Federal University of Santa Maria (Brazil), entitled "Teacher... children have already turned the TV on... what about you?", aims at presenting some ideas and questions concerning the relationship between childhood and media. Among them, the concept of childhood is stressed considering two main authors: Neil Postman's work *The disappearance of childhood*, and Leni Vieira Dornelles' "*Infâncias que nos escapam*". Both works have allowed us to reflect upon the main elements which influence contemporary childhood, highlighting especially TV. The hypothesis regarding the probable disappearance of modern childhood and the indication of a new children's culture are developed here. In the last section, we present some pictures, drawings and registrations of children from two preschool education classes (one private and the other public) in Santa Maria/RS. Those registers intend to call attention to some of the new forms of subjectivity and identification that permeate contemporary children's life and imaginary, pointing the need to rethink educational practices directed to them.*

**Keywords:** *childhood, school, media.*